



NOME DO PROJETO: "VOZ DO SER"

AUTORA:

- Margarida Maria Ferreira do Tanque

Projeto

a) Título do trabalho- Voz do Ser

b) Descrição- Algures no mundo uma mulher, enlouquecida pela dor, pela desilusão, pela falta de afeto, vestida pelo medo, entregue ao seu destino e às atitudes do outro neste mundo de desigualdade entre géneros, sente que algo lhe surge na mente, uma voz na surdina do seu pensamento insurge-se num desfilhar de perguntas acabando por lhe narrar a historia de uma mulher, uma historia de vida na qual ela se reconhece, uma história que não é só sua mas de outras mais, o fim esse dependerá de mulher para mulher e do poder da sua mente, pois a mente tanto pode ser aliada ou inimiga nesta nossa luta pela igualdade de géneros, no caso de Maria foi uma aliada levando-a a escutar a voz do seu Ser.

d) Grupo alvo- A sociedade.

e) Incidência geográfica- A nível global.

f) Metodologia-Escutei a realidade, li no olhar, reconheci sentimentos, vivi, vivenciei e transcrevi para o papel.

g) Aspetos inovadores- A realidade dos factos, um grito na forma de palavras de sentimentos de valores, de atitudes do outro para com o outro, um meio de ir à luta através da escrita.

h) Conclusões- É urgente alertar a sociedade em geral sobre o quanto o ser humano está desnutrido de sentimentos, o quanto é importante travar esta correria desenfreada em busca de valores e bens materiais, onde se atropela tudo e todos, numa sociedade que se diz em igualdade de direitos e deveres. Existe uma necessidade de consciencializar os géneros sobre o mal inerente de sermos passivos perante as atitudes do outro, passividade que nos poderá tornar o carrasco de nós mesmos. Enquanto o medo nos fizer calar, enquanto existir a ideia de que os maus tratos quer físicos quer psicológicos, são uma prova de amor ou de gratidão entre géneros, a luta pela igualdade entre estes será contínua e morosa e no entretanto muitos seres seguirão o trilho que os conduzirá até o abismo, seres esses desnutridos de afeto o alimento primário da Vida.

Voz do Ser

Uma vez mais o mundo desabou...

Todo o seu ser foi projetado novamente para aquele túnel frio e escuro que um dia, Maria conhecera...

Maria deambula por entre palavras que ressoam na sua mente, palavras proferidas por aqueles que a escorraçaram como se ela não fosse um ser em igualdade de género. Tudo aquilo que reconstruira caíra por terra, toda a sua luta não a levava a lugar algum, a desilusão tomara conta de todo o seu ser. O trilho que percorrera levou-a novamente ao mesmo ponto de partida, àquele túnel frio e escuro de outrora. Sem forças para lutar o seu ser desfalece e a sua mente em desvario entra num turbilhão formado de porquês, de raiva e de perguntas sem resposta.

No meio de todo aquele vazio Maria escuta uma voz, mas não consegue visualizar ninguém por ali, aquela voz vem de dentro de si somente ela a pode escutar. Os porquês fizeram-se ouvir na sua mente de forma tão estridente, que ela segurou a sua cabeça por entre as palmas das mãos, para os conseguir suportar. Surgiam um após o outro como reclusos saindo dos presídios, atropelando-se uns aos outros em busca da liberdade.

Essa voz insurge-se de forma revoltante, pergunta o porquê de tanta relutância em nos aceitarem como um ser em igualdade de direitos, sim em igualdade de direitos, de deveres, de responsabilidade. Porque exigem de nós tantos deveres, porque nos acham capazes de suportarmos tudo? Sim é verdade que reconhecem em nós uma grande capacidade de sofrimento, mas chega, por favor chega, se o fardo é pesado que seja dividido que seja partilhado...Chega de nos escravizarem com tarefas árduas e pesadas, com horas laborais extensivas para além da normalidade. Chega de nos tornarem submissas através do medo que nos incutem, ameaçando-nos com o flagelo do desemprego que nos assola tal qual adamastor, de forma a nos tornarmos escravas de um trabalho e da vontade do outro, apenas porque de muitas de nós

mulheres, depende a sustentabilidade do nosso ser e do nosso lar. Porque nos rotulam de ser mais fraco, se encontram em nós toda essa força necessária para aguentarmos o pesado fardo que nos colocam às costas.

Onde estão os idealistas, os donos da razão, os donos do poder de um poder adquirido através dos tempos, que foi passando de geração em geração até os dias de hoje, estão escondidos algures vestindo as vestes de homem, mas não do homem que vive em igualdade de gênero, mas sim do homem hostil soberbo com vestígios cavernosos. Esses que seguem essa linhagem que sempre soube o quanto o ser mulher é responsável, o quanto é inteligente, do quanto é capaz por amor e aproveitam-se disso para o enclausurarem nas teias do medo oprimindo-o, castrando os seus objetivos, tornando-o um mero serviçal de alguns desses que se classificam como o gene superior do ser humano. Sim do ser humano, um ser que é composto por dois gêneros homem e mulher, somos dois seres que se completam em igualdade de circunstâncias, de direitos, de deveres, de responsabilidades.

Mas existem aqueles que não o aceitam como igual e se transformam em carrascos da nossa condição, do ser mulher, do ser mãe. Mãe uma dádiva de vida, uma dádiva oferenda da nossa condição e a qual partilhamos com o homem desde o primeiro minuto, porque mulher é um ser de partilha. A mulher é acima de tudo uma partilha de sentimentos, de direitos de deveres, ela partilha o fruto do seu ventre, porque ela sabe que não é algo que surgiu do nada, porque sabe que o seu fruto surgiu de dois gêneros o homem e a mulher. Se existe alguém conhecedor do contexto da partilha é a mulher, ela é conhecedora e atribui ao homem o direito que lhe assiste de ser pai, um direito que comunga de um dever de cuidar, de orientar, de estar presente.

Maria sente-se como se fosse sugada para dentro de si e a aquela voz que ela não sabe de onde surgiu, assume-se como narrador de mais um capítulo do livro da sua Vida. Maria ficara presa ao continua...esquecera que a vida se encarregara de preencher as páginas em branco que compõem este seu livro

Assim aquela voz que Maria nunca escutara anteriormente, começa por narrar como num desenrolar de meada, não por era uma vez, porque não foi uma vez, mas muitas mais, tal como ela existiram e existem muitas mais...

E na tela do seu pensamento surge a silhueta de uma mulher em desvario quem seria esta mulher, que se encontra à beira de um precipício.

Logo a voz lhe narra que o mundo mágico desta mulher que se chama Maria se esfumara, que ela já não conseguia visualizar aquele mundo que ela dizia ser perfeito. Num ápice esta saíra da sua esfera familiar de um mundo de fantasia caindo na realidade, uma realidade que não é só sua, mas de outras tantas Marias e muitas mais mulheres por esse mundo além... Um mundo no qual emanava o calor das tardes de Verão que lhe enchia o peito com o fogo da paixão, um mundo onde ela fora a Branca de Neve, onde imperava a ingenuidade, onde tudo era simples e bonito, onde ela se sentira protegida por seres com vestes de amizade, que a defendiam de tudo e de todos. Nesse seu mundo, de encantar onde um dia se tornara Cinderela, onde conhecera o seu Príncipe seu Rei e Senhor, deixando para trás os seres da Amizade aqueles a quem chamava de amigos. Ela passara a ser a mais bela do reino, um reino que a proclamara de sua rainha que a fez mulher mãe e enquanto o sol surge e se põe, Maria passara de rainha a Gata Borralheira. Maria deixou de ser princesa, não é mais rainha passando a ser a bruxa má, condição que lhe foi atribuída pela estirpe familiar, agora é aquela mulher horrível que todas as forças se unem para aniquilar.

E a voz continua, toda aquela magia de outrora desapareceu, Maria caíra na praça pública, foi perseguida pela inquisidora curiosidade ávida do outro. Ninguém a quisera escutar e na sua mente ressoa o eco das palavras mudas, dos porquês, dos olhares de condenação por parte do outro. Por parte daqueles que na sua vida foram meros espetadores dos momentos bons, e dos maus? Desses ninguém se lembra...que sabem eles sobre ela? Nada, mas pensam saber e fazem questão de se pronunciar sobre a inexistência dos mesmos.

O teatro está montado, a peça encenada e eis que surge o Rei e Senhor o ser dominante, atualmente artista encarnando o personagem de homem imaculado, um mártir que está ferido no seu ego de macho...é isto que ele quer passar para o público, sabe tão bem representar que não mistura o real do artista com o personagem. O público acredita no personagem e está solidário com ele reconhecendo o seu papel de vítima. Mas do artista não sabem nada, este foi hábil e astuto, foi tudo tão bem encenado que a sua verdadeira faceta ficara

oculta por debaixo das suas vestes. O público aplaude e se compadece deste personagem e protege-o insurgindo-se contra a mulher, passando Maria a ser a vilã da cena. Um pouco do artista também estava em cena e com ele a artimanha da aranha tecedeira com a qual atrai o público e o envolve na sua teia. E ela, sim a pobre mulher a quem este fez do público o seu carrasco, aquela que por ele foi abandonada ao seu destino, à mercê da atual sociedade que é feito dela, aquela que deveria ter subido ao palco mas não o fez porque não tem perfil de ator, porque não encarna um personagem, aquela que vive no palco da vida onde o artista e personagem não se misturam, onde o público está ausente, as cadeiras vazias e os panos fechados, onde não existe teatro mas sim a realidade nua e crua, pergunto onde está o verdadeiro público, não esse público de carpideiras que choram por um ser que nem conhecem, procuro sim aquele público nutrido de sentimentos, de emoções.

Não existe público só existem seres que se deixam levar por aquilo que se diz pelo que reza a voz do povo, uma voz que ecoa até aos quatro ventos e tu ser mulher, ser indefeso perante o olhar das hienas famintas da dor alheia, que outrora te receberam na pele de cordeiro e que hoje te sorriem com seu riso escarninho. Riem por se sentirem ganhadoras de uma guerra desigual, uma guerra onde foste colocada na arena, como oferenda aos predadores.

Tu ser sem meios de sustentabilidade e sem armas para lutar perante uma sociedade hipócrita que te julga à revelia da lei, de uma sociedade desnutrida de sentimentos, gente que desconhece a condição do ser mulher fazendo de ti condenada, encarcerando-te nesse longo túnel frio e cinzento apenas com o muito que conseguiste ao longo da tua vida, aquilo que podes chamar de teu, porque nasceram de ti os teus filhos a única luz que te envolve e alimenta essa tua pobre alma em desvario.

Só Deus sabe, só ele mesmo e mais ninguém é que conhece o temor em que vives se essas tuas luzes se apagam, o que será de ti se te surripiam esta tua única riqueza ficas sem nada, porque são eles que te ajudam a sobreviver nessa imensa escuridão são eles a luz do candelabro que seguras nas mãos e te serve de guia no escuro da solidão. São eles o alimento dessa tua alma gélida, são eles que te dão força para lutar, contra tudo e contra todos. Gritas para que não

se aproveitem da tua fraqueza, imploras para que não te privem da luz que é o teu amparo, enquanto deambulas por aí em busca de um novo trilho.

Esta mulher ouve o uivo do vento, sente as lufadas do frio que vem do coração, daqueles que um dia se diziam estar com ela para o bem e para o mal...onde estão pergunta-se, olha para todo o lado e não vê ninguém, onde estão aqueles que um dia lhe deram flores porque lhes deu família, onde estão aqueles que a chamavam de heroína, hoje não estão mais junto de si, são reclusos das suas definições de perfeição, onde estão esses seres vestidos de preconceitos, onde estão os senhores que se dizem donos da razão. Estão por detrás das portas que lhe fecharam, estão à espreita na janela de onde covardemente vigiam os seus passos, receosos que tropece na felicidade.

Apela por ajuda, mas nenhum deles a ouve pois são cegos, surdos e mudos, mas sabe que andam por perto, vê as suas sombras contorcidas como farrapos fantasmagóricos na sombra da luz do candelabro, sente as suas línguas de víbora silvando e chicoteando o seu corpo e sopram, sopram, sopros gélidos de rancor vindos da sua alma gélida, tentam apagar a luz do seu candelabro. O medo toma conta de si teme que este se apague, receia que lhe roubem o candelabro e que o levem para longe de si.

Porque se escondem num mundo de sofismas, porque não querem ouvir o que tem para lhes dizer, porque não querem saber, apenas argumentam com base no que é falso, seguindo o trilho mais fácil arrastando-a para o abismo. Esquecem que essas crianças que dizem amar vieram de si, da mulher moldada pelas atitudes do outro, esquecem que foi ela que as pariu, elas não surgiram do nada, porque os apontam de príncipes e aquela que foi o início de suas vidas atiram para a lama e a enclausuram num mundo à parte ofertando-lhe a solidão como companhia, ferindo-a com o gume frio da espada dilacerando o seu coração, enquanto os seus filhos gritam por pão e ela sem nada para lhes dar. Não vocês não conhecem o que é chegar bem perto do precipício, não conhecem não...

As crianças são os anjos no mundo e enquanto houver anjos em nosso redor um trilho se abrirá, enquanto a condição do ser homem e do ser mulher não estiver

em pé de igualdade, não poderemos travar esta injusta realidade que é a condição de nascer mulher...

Esses que se apregoam defensores da igualdade de gênero, que se ficam com palavras proferidas ao vento, atitudes nada, apenas aguardam para que ela se erga para a derrubarem novamente, sentem que está frágil e sentem-se gloriosos, esses seres pobres de espírito que é a condição de todos aqueles que não sabem escutar um coração nem ouvir a alma de uma mulher...

Escutam o seu apelo ...Ah, não podem estão surdos, mas deixem que lhes diga esta mulher está algures por aí, passando os dias enlouquecida...esta mulher não está num palco ela esta na realidade do dia a dia por vezes até bem perto de nós. Ela chora no silencio da noite, porque sente que aos poucos lhe roubam a luz do seu candelabro.

Não a condenais se ela não foi suficientemente forte para superar todo o mal que lhe causaram, ela lutou, mas não pôde ser tão ágil como ágeis foram as atitudes do outro para com ela, ela apenas sentiu que aos poucos lhe roubavam a vontade de viver.

E tal como já acontecera o mundo parecia desabar novamente sobre esta mãe...

Uma vez mais o dia nascera escuro, teria nascido mesmo? Quiçá não fora só aos olhos de Maria, que este assim surgira.

Ela desesperava, a cada dia a vida lhe apresentava mais obstáculos, sentia-se enfraquecida sem forças para lutar. Este dia seria fatal pressentia-o, todo o dia o seu passado assolava a sua mente, só os momentos difíceis surgiam, um após o outro, estes superavam os momentos de felicidade, que tivera em sua vida. Maria sentira-se abandonada, nunca imaginara que um dia o peso e a responsabilidade de sua família recairiam sobre ela, apenas sobre ela.

O tempo passara, ela sentiu o quanto o amor fazia falta em sua vida. Sentia que este se fora para sempre e que a tristeza se apoderara do seu coração. De um coração que outrora acolhera a felicidade. A cada dia, a incerteza de poder colocar o pão sobre a mesa, para alimento dos seus filhos a corroíam. O medo de um dia não saber explicar a falta deste, atormentava-a.

A noite aproximava-se a passos longos, com ela o silêncio que a veste, ela tentava adormecer, sentia-se cansada, pensamentos negros irrompiam na sua mente. Olhava o anjo que dormia a seu lado procurando ela entrar naquele sono tranquilo, tentava-o, mas não o conseguia; a sua alma estava gélida, tão gélida que o frio desta magoava o seu íntimo e não a deixava adormecer. Maria já não reconhecia em si a mulher lutadora que fora outrora.

Aos poucos o quarto clareava, a manhã fazia-se anunciar, a cabeça de Maria rodava não tinha conseguido adormecer. Pensamentos negros a assolaram durante a noite e esta refugiara-se na imagem do anjo adormecido a seu lado. Ela reconhece que precisa de ajuda, mas já não a consegue pedir, seu corpo desfalece e cai por terra. O pequeno anjo corre em seu auxílio, a sua pequenez não o permite que o faça sozinho, mas alguém o poderia, teria de a tirar dali, de a ajudar, de a acompanhar, pois só ele sabia o quanto esta estava perdida, somente ele a ouvira chorar na noite, somente ele sabia a razão da falta do sorriso que outrora nascia nos seus lábios. Sabia-o porque o olhar desta perdera o brilho assumindo um olhar longínquo como se este tivesse ficado preso num tempo.

A ajuda chegara, o anjo sossegou, aquela que lhe dera a vida, que tanto o amava estava em segurança, como ele desejava devolver-lhe a esperança que ela perdera. Com as pequenas frases que construía com os gatafunhos próprios da sua tenra idade decidiu escrever, uma simples mensagem a qual decorou com uma mão cheia de corações. Meteu-a num envelope que ele próprio elaborou e colou-o com pequenos pedacinhos de fita-cola, o destinatário era apenas uma pequena, mas grande frase, “para ti Mãe”.

Quando Maria saiu do hospital de regresso ao lar o seu pequeno anjo aguardava-a, ao vê-la aproximou-se estendendo-lhe a sua pequenina mãozinha trémula, com tudo que lhe poderia dar, a sua mensagem de esperança e pediu-lhe que a lesse. Ao fazê-lo as lágrimas desprendem-se dos olhos Maria, ao ler o conteúdo que continha o envelope mais simples do mundo, mas o mais lindo que até o momento vira. Aquele envelope continha estas palavras “Mãe tu tens três filhos que te amam, o Luís, o José, o Paulo e eu a tua filha Carolina e também tens um cão chamado Bolinhas.

Maria percebeu pelo pequeno texto da sua filha que perdera um grande amor, perdera uma parcela da sua família, fora ignorada por uma sociedade hipócrita,

mas não perdera o amor mais importante de sua vida, o amor verdadeiro, o amor dos seus filhos, aqueles sim a amavam de verdade. Beijou com carinho o rosto da sua filha de apenas sete anos de idade e segurando-lhe a mão seguiu o trilho da sua vida com aquela mensagem para sempre gravada no seu coração.

Esta não é mais que a sua própria história, narrada pela voz do seu ser.

Maria levanta-se olha o trilho que se apresenta à saída do túnel e decide percorrê-lo com os seus filhos, verdadeiros guardiãs da sua vida. Seguindo o brilho do Sol encaminha-se para o futuro que se lhe apresenta na linha do horizonte, ouve um latido e sorri...com eles também seguia aquele que o anjo fizera questão de mencionar como um dos seres que a amava, o seu cão Bolinhas.

Muitas Marias não tiveram a mesma sorte de Maria, a essas retiraram tudo, inclusive a Esperança e sem nenhum dos seus anjos para as salvarem caíram no precipício. Outras conseguiram recuar e vivem deambulando no mesmo trilho de outrora, essas continuam respirando, pobres mulheres a muito que estão intrinsecamente mortas.

Viver é seguir em busca da felicidade, parar é deixar-se morrer...